

DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

MANHAS DOS INSECTOS

Por ANÃO SABICHÃO

DESENHO DE A. CASTANÉ

O que sei da vida e costumes de muitos bichinhos, foi-me contado por eles próprios. Uma vez, estava eu admirando uma linda joaninha, muito bem pintadinha que subia pela haste duma roseira, em busca de pulguinhas para seu sustento.

Nisto, via-a encolher as patinhas e deixar-se cair, como morta, no meio das ervas.

Vim logo apanhá-la.

Ela abriu, então, as asitas, e olhou-me, com uns olhinhos muito espertos.

— Julgavas que eu tinha morrido, Anãosinho? — disse-me. Fiz de morta por causa daquele papão gafanhôto que veio pousar, lá no cimo da roseira onde moro. Era capaz de me engulir!...

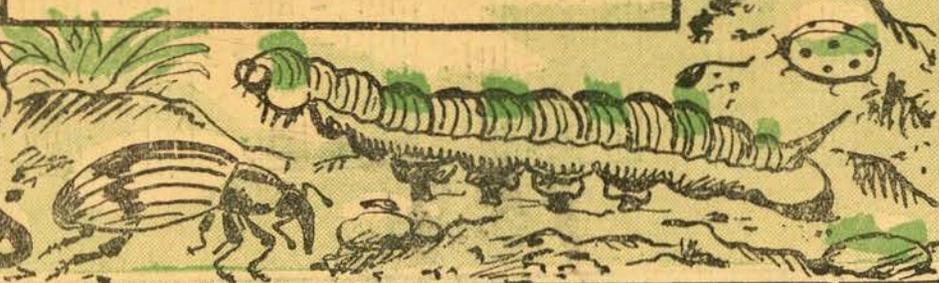
Na verdade, a haste até estremecia com o péso dum enorme gafanhôto verde que, com os seus olhos salientes, procurava, certamente algum bichinho apetitoso, para o seu almoço.

— Temos que usar de manhas, Anãosinho! — tornou a joaninha.

Os insectos pequeninos precisam defender-se dos maiores que os atacam!

Quando o gafanhôto voou dali, deixei-a outra vez sôbre a roseira e, de longe, continuei a observá-la.

(Continua na página 4)



Hino da Infancia

Me-ni-nos de Por-tu-gal ho-mu-sinhos dia-ma

nhã nos-sa vi-da tal qual lin-do

rom-per de ma-nhã Sol que-nun-da ce-a...ra

lo-ira da vi-da lux-bran-da e cal-ma Sol

si-nho que beija: do-ra a ho-ra - são - to - da

Cal-ma Can-té-mos, re-té-mos, ven-ca-mos se-

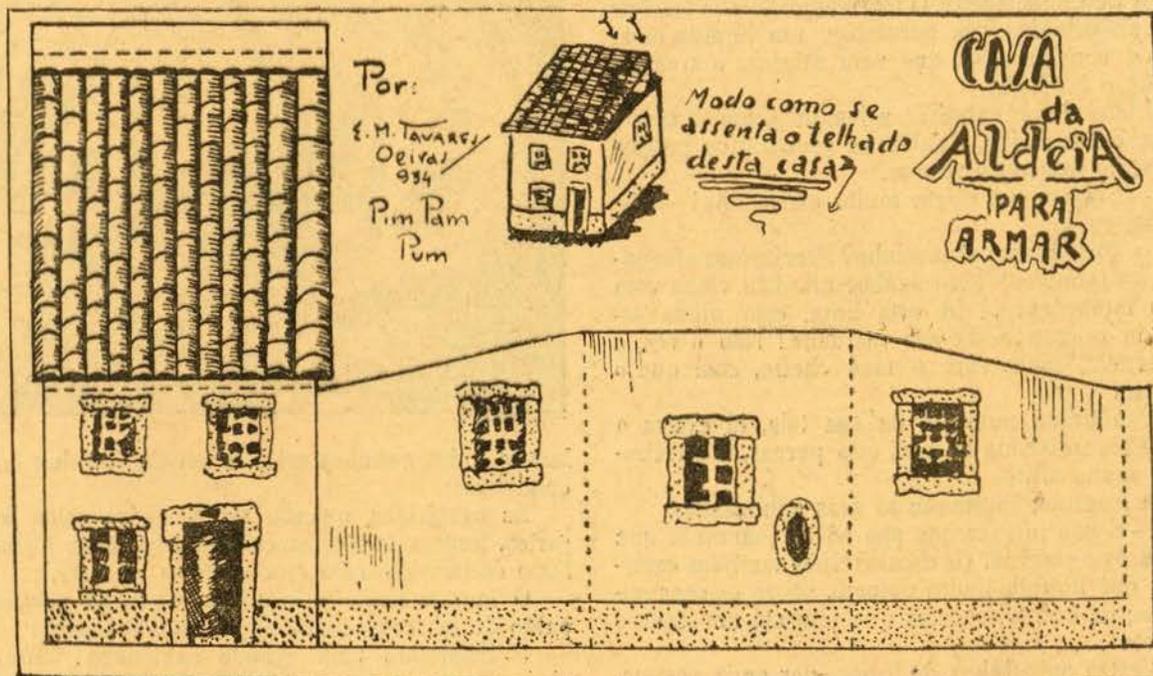
a-mos br-o-sos no estu-do que em lú-do se-re-mos do

tu-sos Ten-ha-mos con-fian-ça nas for-ças tá-ma-nhas das nos-sas m-

trai-ças Do-mo-ço que-rem? pe-dor que na causa se-té-tudo

con-ça, re-ma-re mon-tan-ha e fe-lú-do al-can-ço, re-ma-re mon-tan-ha

CONSTRUÇÃO PARA ARMAR



UMA CRÔNICA INFANTIL

O CANARIO DOS POBRES

— Gri! Gri! Gri!

Duas antenas que são dois alfinetes e o negro reluzente de uma cabeça monstruosa, em que mal se lobrigam os olhos, a espreitar, solerte, da gaiola pequenina, a guloseima da alface...

E aí está o grilo, perdão, o senhor grilo. O grilo personagem dos desenhos animados, um senhor que é criatura quasi do volume da cabeça, cinje duas asas castanho-claro que são tal qual um frak. Um frak abotoado, de flamante matis carnavalesco. E o grilo.

Aí está o grilo, um senhor que usa frak como um cantor de ópera e que salta lépido como um gafanhoto.

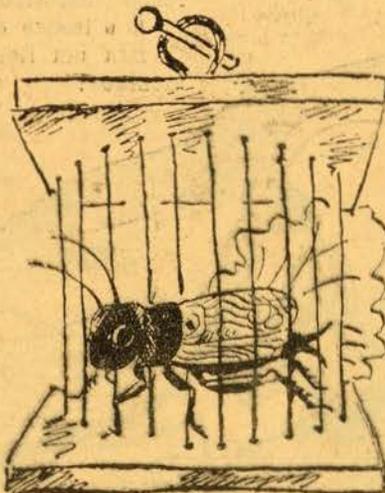
O grilo que mal a manhã, dorminhoca, entra de esbocejar e se espreguiça e vai direito ao sol lavar a cara na luz que dele escorre, começa de entre o veludo húmido da vegetação, no limiar das suas tocas ignoradas, a lançar o seu assobio estridulo:

— Gri! Gri! Gri!

Como quem diz ao lavrador operoso, entregue á sua faina, em acentos de amistosa familiaridade:

— Aqui estou! Aqui estou! Aqui estou!

É o canário dos pobres. Chegam-lhe aqueles que não podem adquirir caná-



rios de raça, canários virtuosos que garganteiam como primas-donas e cus-tam os olhos da cara,

— Gri! Gri! Gri!

É o canário dos pobres. Quem se quer pode haver um. As crianças pobres e até as ricas apreciam-lhe o estridular característico produzido ao atrito das asas — das asas do macho, porque as fêmeas destes ortópteros são mudas, o que parece até desmentir o sexo ás mulheres...

E no encantamento fácil da sua imaginação sugestionável, ficam-se crianças pobres a olhá-los, a escutar-lhe o «bater de castanholas» das asas, a remirar-lhe a inexpressiva pequenez na gaiola pintarolada de cores vivas, de cores que até parecem inspirar-lhe a cantiga, e dentro da qual duas antenas que são como dois alfinetes espreitam gulosamente a alface...

— Gri! Gri! Gri!

Canário dos pobres, enlevo dos ricos...

Linda costureira que tens um grilo trovador á tua janela...

Quem pudera caber nessa gaiola infantil. E não me trocava aí não me trocava não! — pelo mais valioso canário das gaiolas da gente rica!



Parece que, hoje, apenas, teria que te apresentar o desenho, visto ele executar-se da mesma maneira que a *carpete* já publicada, mas estão sempre a aparecer abelhinhas novas e é preciso que, também, para elas seja a lição.

Este tapete faz-se sobre linhagem grossa e é bordado com lã a ponto de cruz.

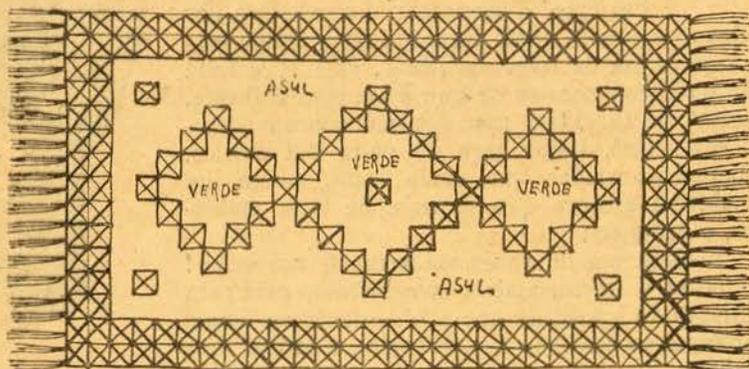
Para cada ponto, destacam-se dois fios. Fazes, primeiro, os contornos do centro e a carreira de dentro da barra, em branco. Enches todos os fundos do centro em verde garrafa.

Fazes o pontinho destacado em *beije* e enches o resto do fundo do tapete com azul forte.

A barra de fóra, é verde, da cor do fundo do centro.

A linhagem há-de ficar completamente trabalhada.

Aumenta-se o tapete fazendo com a linhagem uma bainha, pelo lado do avesso, que é cosida com um ponto furado.



Uma franja, em cada lado, termina o conjunto. Para fazer essa franja corta uma porção de lã azul da cor do fundo em bocados iguais, conforme o comprimento que quizeres. Com o auxílio de uma agulha de *crochet* abres, numa das extremidades, um buracinho e puxas por aí dois fios de lã que,

depois, seguras com um nó, logo que estejam bem a meio. Assim vais fazendo, com intervalos regulares, até terminar todo o lado.

Tens, assim, o tapete concluído. Sempre afectuosa

Abelha Mestra.

MANHAS DOS INSECTOS — (Continuação da página 4)

mada! Estava aqui a fingir de tronco, para passar despercebido aos passaros que andam à nossa procura, para nos meterem nos seus papinhos! E assim, feito em tronco, também intrujo os outros bichos que são o meu almoço, mais o meu jantar!

— Cada vez, estou mais espantado, Louva-a-Deus! O que estimo é que encontres depressa o que te convem e que nenhum passarolo dê por ti, com essa mascarada!

Trincando a bela amora, segui o meu caminho, ruminando, nas manhas de defesa e de ataque que os bichos visam e que tanta admiração causam!

Mais adiante, também caí noutra!

Ia a apanhar uma hastesinha verde, e vai, saltou-me um senhor gafanhoto!

Dessa vez, foi ele que, muito assustado, berrou:

— Ai, Anãosinho! Julguei chegada a minha ultima hora!... Os teus dedos pareceram-me as garras ou um bico dum passaro gigante.

Mais longe, vi uma flôr lindíssima.

Quiz observá-la, mais de perto.

Reparei, então, que o que eu julgara pétalas, de flôr eram as asas duma borboleta! Assim, levantadas verticalmente, só lhes aparecia o avesso! O belo insecto, levantou vôo e exclamou:

— Agora, que descobriste a minha manha, não a vás dizer aos meus inimigos, hein? E', desta maneira, que me livro deles, percebeste?

— Podes ficar descansada, linda borbolêta! Da minha boca não sairá um pio, para te denunciar!

— Tenho confiança em ti, e vou até descobrir-te um segredo de defesa de algumas das minhas companheiras. Há borbolêtas nocturnas que com as suas asas formam um tecto que as encobre.

— Como fazem elas isso, amiguinho? — perguntei, interessado.

— Inclinam primeiro as asas da frente que são depois tapadas pelas detrás. Mas no outono mudamos as nossas cores, ficamos menos coloridas para não destoarmos da verdura, e então no inverno tornamo-nos ainda mais escuras. Seguindo sempre as cores dos arbustos onde vivemos.

Nisto, as asas bateram-lhe e ela murmurou:

— Deixe-me ir para o meu pouso. Vem aí um passarão!

Muito depressa, pendurou-se no tronco, à laia de flôr.

Eu caminhei por ali fóra, satisfeito com o meu dia.

Aprendera com os amigos insectos, cousas serpreendentes! Não é verdade, meus meninos?

E isto deu-me vontade de continuar a estudar os seus costumes e que, de vez em quando, vos irei descrevendo.

MIMI, NECAS e LULÚ em FÉRIAS

POR LEONOR DE CAMPOS

DESENHOS DE A. CASTAÑÉ

MIMI, Necas e Lulú foram passar um mês à quinta dos avós. Estão a ver o que éles por lá farão, um dia inteiro em liberdade, a correrem e a saltarem por todos os cantos!... Até, durante algum tempo, não se lembraram de fazer partidas... Mas... o Lulú não pode esquecer-se de que é um vivo diabrete. Porisso, há dias, teve uma das suas famosas *idéas*. E, está claro, tratou logo de pô-la em prática. Chamou os irmãos, que, como vocês, sabem, lhe obedecem sempre que se trate de fazer maldades, e ordenou:

— Cada um de vocês vai arranjar um sacho!

Mimi e Necas, ambos convencidos, pela cara radiante do irmão, de que a *idéa* devia ser ótima, correram ao pavilhão do jardineiro, a buscar dois sachos.

— Agora — comandou o Lulú — toca a trabalhar. Façam no chão uma cova bem grande e bem funda.

— E, então, tu não fazes nada? — resmungou o Necas.

— Mau, mau!... Se você começa já a repon-tar com o chefe... está tudo acabado. Eu cá sou quem manda... E não faço pouca coisa, acho eu!... Mas se você discute comigo, terminou a brincadeira!...

— Pronto! — acedeu o Necas, vencido pela autoridade do irmão. — Já aqui não está quem falou!...

E, agarrando no sacho, dispôs-se a cumprir as ordens do Lulú. Mimi, por seu lado, deitou-se também ao trabalho. Porisso, daí a cerca duma hora, estava a cova feita.

— Bom! — disse o Lulú, que, enquanto os



irmão trabalhavam, se entretivera a cortar algumas árvores, grandes ramos. — Vamos agora, eu e o Necas buscar dois regadores, enchê-los de água do lago e despejar na cova. Entretanto a Mimi vai tratar de *depenar* os ramos que apanhei, de modo a tirar-lhes a folhagem...

Os irmãos nem discutiram. Limitaram-se a obedecer prontamente.

Quando Lulú e Necas voltaram com os regadores cheios de água, já Mimi acabara o seu trabalho.

Lulú continuou a dirigi-los.

— Tratem de cruzar todos êsses paus sobre a cova: os maiores no sentido do comprimento; os mais pequenos no da largura. Formando assim uma espécie de gradeamento. Entenderam?

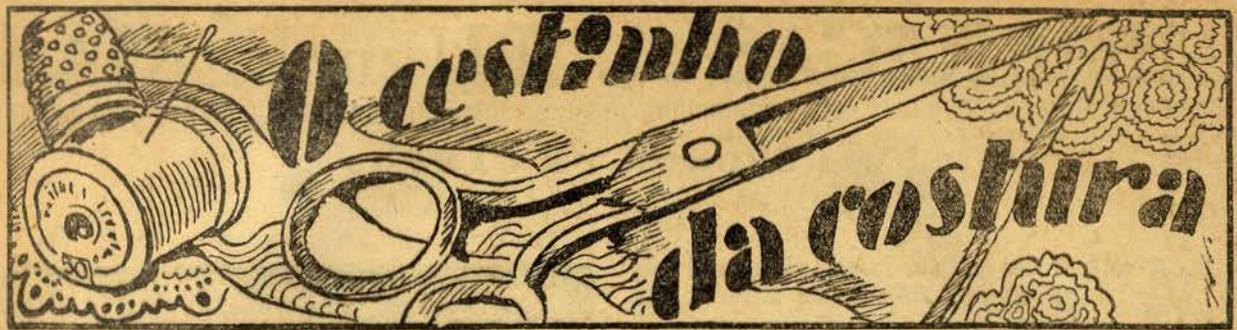
— Muito bem, meu comandante — respondeu o Necas, fazendo continência.

E enquanto os irmãos se esforçavam por ser perfeitos, Lulú foi buscar um jornal. Pronto o gradeamento, colocaram sobre êle o jornal. Cobriram tudo de terra, com algumas ervas à mistura e alisaram com o sacho. Lulú deu então o trabalho por findo. Estava, realmente, uma *perfeição*!... Ninguém diria que ali se ocultava uma perigosa ratoeira!...

— Ora agora — falou de novo Lulú — vamos entrar na parte mais interessante da brincadeira. Tu, Mimi, vais fingir que caíste. Estendes-te no chão, atrás da cova e desastas num berreiro como se te estivessem a matar. E a primeira pessoa que

(Continua na pág. 7)





Parece que, hoje, apenas, teria que te apresentar o desenho, visto êle executar-se da mesma maneira que a *carpete* já publicada, mas estão sempre a aparecer abelhinhas novas e é preciso que, também, para elas seja a lição.

Este tapete faz-se sobre linhagem grossa e é bordado com lã a ponto de cruz.

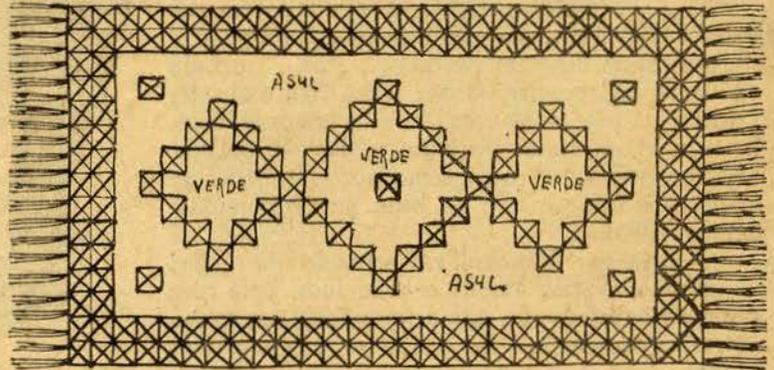
Para cada ponto, destacam-se dois fios. Fazes, primeiro, os contornos do centro e a carreira de dentro da barra, em branco. Enches todos os fundos do centro em verde garrafa.

Fazes o pontinho destacado em *beije* e enches o resto do fundo do tapete com azul forte.

A barra de fóra, é verde, da côr do fundo do centro.

A linhagem há-de ficar completamente trabalhada.

Aumenta-se o tapete fazendo com a linhagem uma bainha, pelo lado do avêso, que é cosida com um ponto furtado.



Uma franja, em cada lado, termina o conjunto. Para fazer essa franja cortas uma porção de lã azul da côr do fundo em bocados iguais, conforme o comprimento que quizeres. Com o auxílio de uma agulha de *crochet* abres, numa das extremidades, um buraquinho e puxas por aí dois fios de lã que,

depois, seguras com um nó, logo que estejam bem a meio. Assim vais fazendo, com intervalos regulares, até terminar todo o lado.

Tens, assim, o tapete concluído. Sempre afectuosa

Abelha Mestra.

MANHAS DOS INSECTOS — (Continuado da página 4)

mada! Estava aqui a fingir de tronco, para passar despercebido aos passaros que andam à nossa procura, para nos meterem nos seus papinhos! E assim, feito em tronco, também intrujo os outros bichos que são o meu almoço, mais o meu jantar!

— Cada vez, estou mais espantado, Louva-Deus! O que estimo é que encontres depressa o que te convem e que nenhum passarôlo dê por ti, com essa mascarada!

Trincando a bela amora, segui o meu caminho, ruminando, nas manhas de defesa e de ataque que os bichos visam e que tanta admiração causam!

Mais adiante, também caí noutra!

Ia a apanhar uma hastesinha verde, e vai, saltou-me um senhor gafanhôto!

Dessa vez, foi êle que, muito assustado, berrou:

— Ai, Anãosinho! Julguei chegada a minha ultima hora!... Os teus dedos pareceram-me as garras ou um bico dum passaro gigante.

Mais longe, vi uma flôr lindíssima.

Quiz observá-la, mais de perto.

Reparei, então, que o que eu julgara pétalas, de flôr eram as asas duma borboleta! Assim, levantadas verticalmente, só lhes aparecia o avêso!

O belo insecto, levantou vôo e exclamou:

— Agora, que descobriste a minha manha, não a vás dizer aos meus inimigos, hein? E', desta maneira, que no livro delas, percebeste?

— Podes ficar descansada, linda borbolêta! Da minha bôca não sairá um pio, para te denunciar!

— Tenho confiança em ti, e vou até descobrir-te um segredo de defesa de algumas das minhas companheiras. Há borbolêtas nocturnas que com as suas asas formam um tecto que as encobre.

— Como fazem elas isso, amiguinho? — perguntei, interessado.

— Inclinam primeiro as asas da frente que são depois tapadas pelas detrás. Mas no outôno mudamos as nossas côres, ficamos menos coloridas para não destoarmos da verdura, e então no inverno tornamo-nos ainda mais escuras. Seguindo sempre as côres dos arbustos onde vivemos.

Nisto, as asas bateram-lhe e ela murmurou:

— Deixe-me ir para o meu pouso. Vem aí um passarão!

Muito depressa, pendurou-se no tronco, à laia de flôr.

Eu caminhei por ali fóra, satisfeito com o meu dia.

Aprendera com os amigos insectos, cousas serprentes! Não é verdade, meus meninos?

E isto deu-me vontade de continuar a estudar os seus costumes e que, de vez em quando, vos irei descrevendo.

MIMI, NECAS e LULÚ em FÉRIAS

(Continuação da pág. 5)

acudir, apanha um banho, que se há-de consolar...

Mimi bateu as palmas:

— Oh que idéa tão feliz tu tiveste desta vez!... Oxalá que seja a gorducha da Joana feitora, que ainda ontem me ralhou por eu andar às ervas!...

— Ou então — disse Necas entusiasmado — a palerma da Anastácia do jardineiro, que anda sempre a embirrar connosco!...

Lulú pôs termo áquelas manifestações de alegria:

— Bom, bom! Depois, logo se vê quem cai. Faze o que eu mandei, anda, Mimi.

Nêste momento, soou ao longe uma sineta.

— Que raiva! — disse o Necas. — Agora que a gente ia começar a divertir-se é que nos chamam para o almoço!...

— E temos que ir depressa! — comentou Mimi.

— A avó não gosta de esperar. E se nos demoramos é capaz de nos castigar e não consentir que a gente venha para a quinta, depois de almoço!...

— Não faz mal! — declarou Lulú. Fica adiada a partida. Põem-se aqui sinais a marcar o sítio da cova: Um montinho de terra dum lado e outro montinho do outro:

O almoço foi apressado. Logo que terminaram, correram em direcção à ratoeira. Mas, qual não foi o seu espanto, quando, ao chegarem, viram tudo revolvido e parte do jornal à mostra. Uma galinha com a sua ninhada entreteinha-se ainda a esgaravatar e a debicar a terra fresca.

Lulú enfureceu-se:

Foram os estúpidos dos teus pintos, Mimi!... Pois espera que eu já os ensino!...

E agarrando numa pedra, arremessou-a com toda a força aos pobres pintaínhos. Atingiu um, que caiu logo, a piar, com as perninhas partidas...

Mimi desatou a gritar:

— Grande mauzão, que mataste o meu rico pintaínho careca!...

— E ainda mato mais, se fôr preciso!...

E o maroto Lulú preparava-se para continuar a atirar pedradas aos pintos, quando a irmã, cega de raiva, corre para ele e zás!... dá-lhe um valente encontrão!...

Passou-se, então, uma cena patética:

Lulú, empurrado com força, foi estatelar-se sobre o gradeamento. Este, cedeu ao peso do rapaz. Lulú caiu dentro da ratoeira. Os irmãos puzeram-se a gritar. Acudiram várias pessoas. Com dificuldade, trataram de tirar Lulú da cova.

E, quando o conseguiram, o mau rapazinho tinha desmaiado, com o susto.

Veremos se o castigo lhe aproveita e não torna a lembrar-se de praticar más acções!... Não me cheira!... O pequeno parece que tem 9 9 9 9 diabinhos no corpo!...

F I M



O «PIM-PAM-PUM» NO CASINO PENINSULAR DA FIGUEIRA DA FOZ

Sempre incansável na organização de festas que proporcionem aos seus amiguinhos horas de franca alegria, o Pim-Pam-Pum resolveu, desta vez, beneficiar os pequeninos leitores que se encontrem na Figueira da Foz, promovendo, de acôrdo com a direcção do «Grande Casino Peninsular», uma série de tardes infantis, dedicadas aos seus assinantes e habituais frequentadores, e proporcionando-lhes valiosos prémios, constituídos por lindos brinquedos.

Recortando a senha junta e trocando-a, à entrada do Teatro do Casino Peninsular, por um bilhete numerado, os nossos pequeninos leitores ficarão habilitados ao sorteio de numerosos brindes, que serão distribuídos a meio dos espectáculos.

É já no próximo domingo, 9, a primeira *matinée* desta série.

O LINDO LIVRO PRESENTE DE NATAL

que Editorial-Século acaba de pôr á venda e de que são autores Graciette Branco e Augusto de Santa Rita, é constituído por 22 lindos contos em prosa e verso.

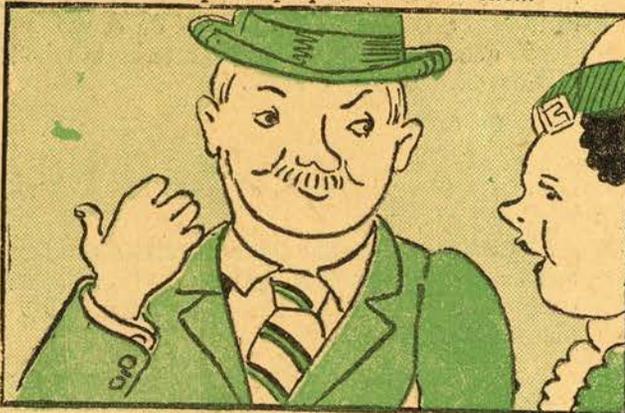
SÃO 104 PAGINAS, 40 ILUSTRAÇÕES, E CUSTA, APENAS, 5 escudos

O FORRETA ZÉ-MARIA

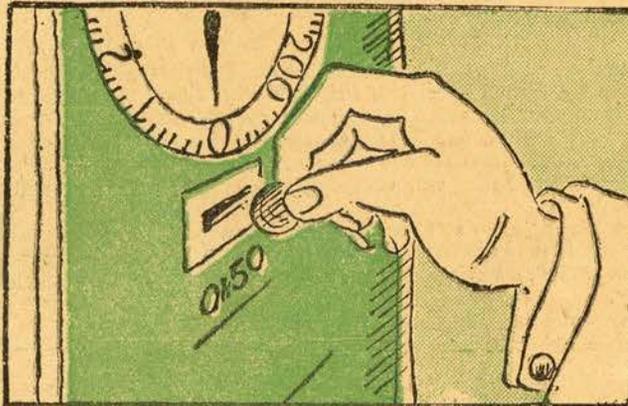
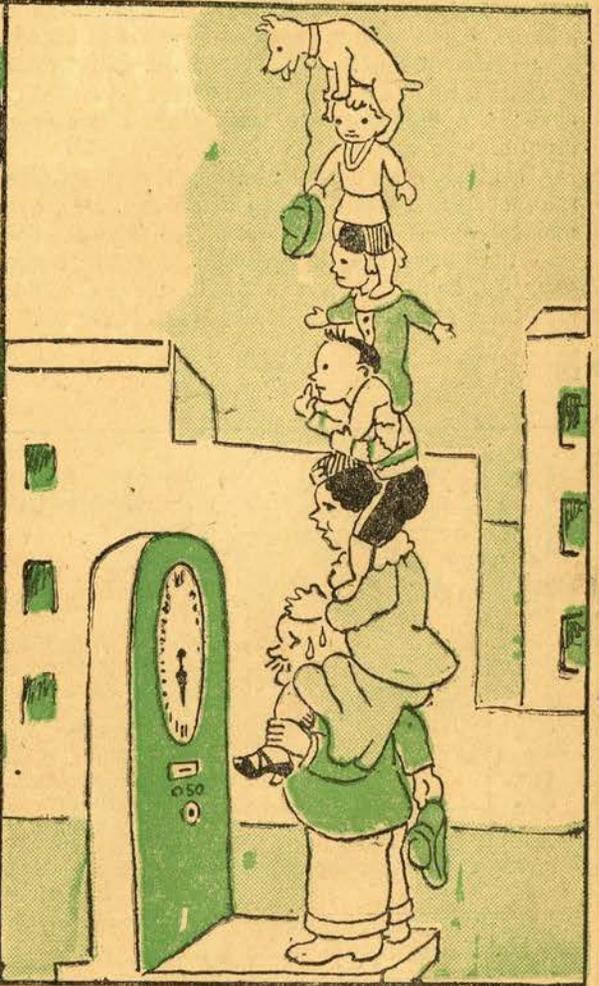


I — Numa certa ocasião,
Zé Maria e sua esposa,
forretas até mais não,
com família numerosa:
— quatro pequenos e... um cão...

II — resolveram, pondo em prática
a sua velhacaria
e sua manhosa tática,
pesar-se, com garantia,
numa balança automática.



III — Em frente da maquina, já intenta o «Zé» Maria, ou não fôsse ele um forreta, pesar, com economia, toda a família completa.



IV — Com o ar mais natural, já em cima da balança, na ranhura de metal, o nosso avarento lança a moeda habitual.

V — Logo, girando, o ponteiro trezentos quilos marcou, deixando muito lampeiro o «fôna», que assim pesou todos por pouco dinheiro.